

**CENTRO UNIVERSITÁRIO TABOSA DE ALMEIDA
RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

ORA ET LABORA: O CRISTIANISMO E A ECONOMIA MUNDIAL

MARIA EDUARDA MARTINS

**CARUARU/PE
2016**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO TABOSA DE ALMEIDA
RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

ORA ET LABORA: O CRISTIANISMO E A ECONOMIA MUNDIAL

MARIA EDUARDA MARTINS

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Centro Universitário Tabosa de Almeida, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação do Professor Doutor Saulo Souza.

**CARUARU/PE
2016**

BANCA EXAMINADORA

Aprovada em: ___/___/___.

Presidente: Prof. Dr. Saulo Souza

Primeiro Avaliador: Prof. Msc. Robson Goes

Segundo Avaliador: Prof. Msc. Mariana Nóbrega

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, agradeço a minha família, em especial a minha mãe, que me ensinou a persistir, a respeitar, a correr atrás e realizar, e a pentear meus cabelos cacheados de modo a não quebrar as fibras; a minha avó, que me ensinou a amar, a aceitar, a conviver, e a comer bolinhos de feijão sem me melar; ao meu pai, que me ensinou a ter pé firme, a não me contentar com o suficiente e sempre buscar mais, e a dirigir (na verdade ainda não ensinou, mas é uma promessa!). Esses três são meus pilares, minhas forças, meus maiores tesouros, minha santíssima trindade.

Aos meus irmãos de coração, Jonas Rafael, por ter me protegido, me defendido, me acompanhado, me dar o sobrinho mais lindo do mundo e me ajudar a roubar mangas verdes do pé de vó pra comer com sal; Gabriella Maciel, por ter me aguentado tanto, pelos ombros, pelas palavras, pela confiança, e por ter sido a Mia da minha bandinha do RBD; e Igor Dedil, pela paciência, pelo carinho, pelos elogios de sempre, pela eterna força que me passa, e pelo ioiô que me fazia reconhecer ele de longe nas épocas de colégio. A vida me tirou irmãos de sangue mas me ofereceu irmãos incríveis. Eu tenho certeza que Luiz e Laura são eternamente gratos lá do céu pela presença de vocês na minha vida.

Ao meu infinito, Kevin Hacling, por ser sempre tão divertido, pelas risadas que me faz dar mesmo nos piores momentos da minha vida, pela simplicidade, pela garra que tem para lutar por um mundo mais colorido que me inspira tanto, e pelas blusinhas que vão até o meu joelho; Luiza Melo, pelo amor tão puro, por me ensinar que levar a vida menos a sério é tão mais tranquilo e divertido, por não desistir de mim apesar de nossas diferenças, e por tirar as melhores fotos comigo que me fazem ter várias curtidas; e Matheus Pontes, por parecer sempre ser tão forte apesar dos acontecimentos, por me passar essa força, por me deixar feliz só com a presença, e pela melhor risada do agreste pernambucano. Fazem apenas 4 anos que nos conhecemos e eu honestamente não sei o que seria da minha vida sem vocês. Isso deve falar muito. Isso significa muito. Obrigada.

Aos amigos que acompanharam meu infinito durante esses 4 anos de graduação, Jair Dionísio, Bruno Rodrigo, Alisson Vicente, obrigada por nos

acompanhar nas festas, comemorações, sessões de cinema e até dias de semana quaisquer em que nos visitaram. Vocês importam.

Em especial, agradeço também a Igor Vieira e Thales Oliveira, eu os amo incondicionalmente e agradeço por cada abraço que Igor me deu nos momentos que precisei, por passinhos da Kourt e Khloe que Thales faz comigo sempre que nos vemos e por cada pequeno momento que ambos me proporcionaram.

Agradeço as minhas colegas de apartamento Isabelle Laís e Wedja Carla, por terem aguentado minhas frustrações acadêmicas durante esses anos e nunca me deixado na mão. Pra onde eu for, lembrarei de vocês. Agradeço inclusive aos meus colegas de prédio, Paulo André, Dervelly Torres e Paulo Matos, que não é do prédio apenas na teoria. Obrigada por acompanharem a mim e meu infinito em nossas aventuras.

Agradeço também a João Bosco, obrigada por tornar esse semestre menos estressante e mais mágico, obrigada por me fazer relaxar sempre que preciso, obrigada pelas palavras, pelo incentivo, pelo apoio, por acreditar em mim e por ser um companheiro incrível. E por ter acrescentado pra minha vida o cachorrinho mais fofo do mundo.

Por fim, aos professores que me acompanharam durante toda a minha jornada tanto na academia, quanto na escola. Onde quer que eu consiga chegar após esse trabalho, o mérito também (e principalmente) é de vocês.

Esse trabalho foi um desafio pra mim, considerando minhas crenças, minha ideologia e minhas dificuldades. Mas eu aprendi nesses 4 anos que se tem algo que quebra limites, supera dificuldades, arrebenta portas fechadas e colore a paisagem preto e branco, esse algo é o amor. E eu amo todos vocês. Obrigada.

“Descende de Adão e Eva. É honra suficientemente grande para que o mendigo mais miserável possa andar de cabeça erguida, e também vergonha suficientemente grande para fazer vergar os ombros do maior imperador da terra.” –As Crônicas de Nárnia, por C. S. Lewis.

RESUMO

Com a perseguição de cristãos pelo Estado Romano e a especulada morte e ressurreição do messias cristão, despertou-se a pregação da “nova religião” a partir de Jerusalém, que ganhou cada vez mais força após a junção de poderes com a elite romana, a legalização da religião pelo imperador Constantino após sua conversão, e a proclamação do Cristianismo como religião oficial do Império Romano, pelo imperador Teodósio I. O constante crescimento da fé cristã e a união da igreja com o Estado, causaram consequências políticas e econômicas que ainda podemos sentir, mesmo após os processos de secularização estatal. Hoje, essa religião monoteísta focada na vida e ensinamentos de Jesus de Nazaré, o Cristo salvador e filho de Deus, se divide em três vertentes: o Catolicismo Romano; a Igreja Ortodoxa Oriental; e o Protestantismo. É incontestável o estudo da religião cristã, sendo de grande importância para a compreensão e análise das relações entre os povos. Sendo atualmente uma das maiores religiões do mundo, é também de suma importância análises econômicas em cima dessa crença. O presente trabalho, então, averigua se há, de fato, relação entre a religião e vertentes econômicas dos Estados, sendo as análises feitas por meio de correlações entre a presença da religião e quatro fatores econômicos: o crescimento anual do PIB; o comércio internacional; as condições socioeconômicas; e a estabilidade do governo.

Palavras-chave: religião; economia; cristianismo; PIB; correlação.

ABSTRACT

With the persecution of Christians by the Roman State and the speculated death and resurrection of the Christian messiah, the preaching of the "new religion" was awakened from Jerusalem, gaining more and more strength after joining forces with the Roman elite, the legalization of the religion by Emperor Constantine, and the proclamation of Christianity as the official religion of the Roman Empire by the emperor Theodosius I. The Christian faith's constant growth and the union of the church with the state have caused political and economic consequences that we can still sense, even after the processes of state secularization. Today, this monotheistic religion focused on life and teachings of Jesus, the Savior Christ and Son of God, is divided into three types: the Roman Catholicism; The Eastern Orthodox Church; and Protestantism. The Christian religion study is indisputable, as an important way of understanding and analyze relations between people. Being currently one of the world's major religions, economic analysis of this belief is also important. This monograph, then, investigates whether there is, in fact, a relation between religion and economic aspects of the State, and the analyzes are made through correlations between the presence of religion and four economic factors: annual GDP growth; international trade; socioeconomic conditions; and government stability.

Key words: religion; economy; Christianity; GDP; correlation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 METODOLOGIA.....	13
2 A RELIGIÃO E A ECONOMIA DAS NAÇÕES	19
2.1 Religião e Relações Internacionais	19
2.2 A economia internacional como estudo	22
2.3 Religião e economia.....	23
3 ANÁLISE DOS DADOS	30
3.1 Presença religiosa x crescimento anual do PIB	30
3.2 Presença religiosa x comércio internacional	34
3.3 Presença religiosa x estabilidade do governo	37
3.4 Presença religiosa x condições socioeconômicas	40
3.5 Resultado das análises.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS.....	51

INTRODUÇÃO

Perseguidos pelos romanos durante séculos, os cristãos sofreram uma série de atrocidades, que impediam a expansão cristã, já que a adoração do imperador como um deus vivo e a ideia de igualdade entre os povos não era bem vista. No entanto, a religião ganhou cada vez mais adeptos até que os romanos, então, se renderam ao cristianismo. Em 313 d.C. o imperador Constantino converteu-se ao cristianismo e anos mais tarde a história se inverteu: todas as outras religiões pagãs passaram a ser perseguidas, transformando a igreja cristã numa instituição poderosa e transformando o patriarca de Roma em autoridade máxima da Igreja, sendo chamado de Papa. Para tanto, essa igreja passou a ter poder definitivo a partir do século V, na Idade Média, durante o feudalismo, quando se tornou a principal instituição medieval tendo, a partir daí, poder político e econômico.

Após o surgimento das comunidades cristãs primitivas, as perseguições desses povos e, ainda assim, o constante crescimento dessa religião, o Império Romano de Constantino, ao adotar as crenças cristãs como religião oficial, mudou drasticamente os rumos da humanidade. Esse foi o momento crucial que fez a -até então- pequena seita se tornar uma das maiores e mais seguidas doutrinas de fé. O processo até a igreja cristã se expandir significativamente foi impulsionado ainda mais pelas doações de bens e propriedades feitas pelo império e pelas desobrigações fiscais. Deu-se, então, a união de igreja e Estado.

Diante das repetidas invasões bárbaras, a igreja se dividiu em Igreja Ortodoxa e Igreja Apostólica Romana. Esta última se tornou a mais consagrada instituição no período Feudal, após o fim do Império Romano do Ocidente, se tornando o principal ator de ajuste social.

Com a consolidação do Estado Nacional e o surgimento do absolutismo, há a formação de sistemas de tributação e um movimento de remonetarização econômica, pela administração de um Rei Soberano (SENHORAS, 2013). Rei esse que era

legitimado pela igreja, diante da doutrina cristão de que todo poder vem de Deus, reforçando obediência à autoridade terrena¹.

Baseado no monoteísmo e na ideia de que todos os seres humanos são eternos –assim como Jesus Cristo-, sendo a morte apenas uma passagem para a vida eterna, o cristianismo é, atualmente, uma das religiões com mais adeptos no mundo².

Por outro lado, pensar na história da economia é imprecisa, tendo em conta a amplitude do tema e a variedade de pontos de vista. Como ciência, o nascimento oficial da economia foi por volta de 1776 com a publicação de “An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations” do filósofo e economista Adam Smith, tornando a economia um corpo teórico de estudo. Mais tarde, as ideias de Smith foram desenvolvidas, quando em seguida deu-se a definição da lei de oferta e demanda na obra “A Treatise on Political Economy”, de Jean Baptiste Say, em que segundo ele, a demanda era determinada pela própria oferta, de modo que cada aumento de produção significava o aumento de salários sendo possível comprar a quantidade adicional produzida. Em oposição a essas teorias clássicas, surgiram teorias econômicas socialistas, sendo Karl Marx a principal figura. Ainda com as teorias neoclássicas, o economista John Maynard Keynes, analista da Grande Depressão, formulou as teorias chamadas de keynesianas. Contudo, o início da ideia de “economia” pode ter sido justamente na Idade Média, quando a Igreja Católica predominava como principal instituição da época e rejeitava o comércio, na mesma época em que a ideia do mercantilismo ganhou forças nos séculos XV e XVIII.

O cristianismo na sociedade ocidental está intimamente ligado a história das civilizações, desempenhando um papel importante na extinção do sacrifício humano, mas em contrapartida afetando os direitos das mulheres, condenando o controle de natalidade, o aborto e o casamento homoafetivo. Ainda tendo em vista que a igreja é uma fonte importante de serviços sociais, ela influencia significativamente o desenvolvimento da ciência, do bem-estar e da economia.

Há quem diga que o cristianismo influenciou consideravelmente o capitalismo (RUSHDOONY, 2008), sendo este último um produto do cristianismo, que promove a

¹ “Por amor do Senhor, obedeam às autoridades, seja o mais alto magistrado ou os que, por mando dele, governam e que estão encarregados de reprimir os que praticam o mal e louvar os que fazem o bem.” Bíblia Sagrada, 1Pedro 2:13.

² Segundo a revista Super Interessante, em 2012 o cristianismo tinha cerca de 2,2 bilhões de seguidores.

capitalização mais do que outra fé. Max Weber, por exemplo, em “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” explica de que maneira o cristianismo na forma protestante promove o desenvolvimento capitalista.

Ainda hoje, mesmo os países que garantem a liberdade religiosa não são completamente seculares na prática. Mesmo os países que são considerados “laicos”, em sua maioria, exercem políticas governamentais e costumes sociais baseados em determinadas religiões. A exemplo do Reino Unido, que mesmo considerado secular, quando alguém assume o cargo de chefe de estado, é necessário que jure fidelidade ao anglicanismo, enquanto a câmara alta do parlamento garante vinte e seis vagas para membros do clero.

Após a Guerra dos Trinta anos –entre católicos e protestantes- a paz de Westfália, em 1648, instituiu a soberania do Estado, dando origem a um sistema com princípios de direito internacionais, de Estados Nações, decidindo que a religião não seria mais a principal causa de guerras (MAGNOLI, 2008), colocando os interesses do Estado acima da igreja.

Por outro lado, o surgimento de reformas protestantes na Europa acarretaram numa influência na Economia (WEBER, 1967). E por mais que tenha perdido seu poder dos tempos de feudalismo, o cristianismo continua a intervir nos ideais de igualdade, fraternidade e liberdade, por meio de seus dogmas, mesmo com as noções atuais de democracia, feminismo e direitos humanos.

Jean-Jacques Rousseau atribuía importância para a religião, de modo que ela era “um fator que podia, em certos casos, contribuir fortemente para a conservação do Estado, ou então, no lado oposto, prejudicar substancialmente a coesão do corpo político, isto é, da sociedade civil” (MOSCATOLI, 2009). Segundo ele, não há Estado cuja formação não se teve como base a religião.

John Stuart Mill, grande pensador do liberalismo econômico, acreditava que a igreja possuía grande poder de influência sobretudo nos “desejos involuntários”, de forma que a opinião pública e o poder de julgamento desta eram baseadas em suas crenças. Desse modo as igrejas propagam influências de pensamentos que contribuem consideravelmente para a construção de éticas baseadas nos ensinamentos de livros sagrados, sendo uma fonte de serviços sociais, sendo evidente que de certa forma as crenças moldam a forma de pensar da população

alterando também a estrutura, administração, constituição e, conseqüentemente, a economia de determinado lugar.

O estopim da inter-relação entre religião e economia foi a obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, do sociólogo Max Weber, em que ele analisa maior crescimento capitalista em países protestantes no século XIX:

Por outro lado, impõe-se o fato de os protestantes (especialmente em alguns de seus ramos que serão discutidos mais adiante), tanto como classe dirigida, seja como maioria, seja como minoria, terem demonstrado tendência específica para o racionalismo econômico, que não pode ser observada entre os católicos em qualquer uma dessas situações. A razão dessas diferentes atitudes deve, portanto, ser procurada no caráter intrínseco permanente de suas crenças religiosas, e não apenas em suas temporárias situações externas na história e na política (WEBER, 1967, p.23).

O motivo pelo qual isso acontecia seria porque, segundo ele, católicos preferiam “dormir bem”, enquanto protestantes preferiam “comer bem”.

Ao observar fatos históricos e se dar conta da grandiosidade da força cristã ao longo dos anos, ressalta-se aqui a importância dessa análise de modo a perceber a gravidade de uma postura intelectual e moral baseada numa crença, na estrutura econômica global, ressaltando a importância desses impactos nas relações entre Estados e nos estudos de Relações Internacionais.

Dessa forma, o presente trabalho buscará identificar e analisar as influências dos dogmas cristãos nas formas de governos e na economia mundial e suas estruturas, analisando o impacto do pensamento religioso, sendo feita uma análise de modo a mensurar a influência cristã e observar seus impactos na estrutura econômica global.

1 METODOLOGIA

Os métodos de pesquisa que foram utilizados no trabalho foram os qualitativos e quantitativos. Quanto ao método qualitativo, foram aplicados de modo dedutivo, tendo em conta as análises preferencialmente de obras e teorias, se utilizando de pesquisas documentais e bibliográficas, buscando compreender o fenômeno da influência de base religiosa, se apropriando de detalhes econômicos. Foi analisado, sobretudo, as ideias de pensadores filósofos e economistas quanto ao tema, com destaque a obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1905), de Max Weber. A partir da perspectiva de Weber, foram analisadas visões de diferentes autores e autoras quanto a influência da religião na economia que, ao fim, foram comparadas as amostras quantitativas.

Quanto ao método quantitativo este pode-se traduzir a pesquisa em números, que foram classificados e analisados. Nesse caso, o trabalho correlacionou variáveis econômicas com a presença da religião no Estado (ou governo), comparando uma amostra de países de maioria cristã com outros países, de modo a analisar, principalmente, o crescimento anual do PIB –Produto Interno Bruto- e o comércio internacional dos Estados, e suas religiões predominantes.

O Banco Mundial é uma instituição internacional que age em âmbito financeiro, fornecendo empréstimos para países. Foi do site do Banco Mundial³ que os dados da análise quantitativa relacionados ao crescimento anual do PIB, inflação e comércio internacional dos países selecionados foram retirados.

O PRS Group é um fornecedor comercial de previsão política e risco dos países, criado em 1979, e oferece duas estruturas independentes disponíveis para avaliação de risco: o PRS (*Political Risk Services*) e o ICRG (*International Country Risk Guide*). Foi do ICRG que os dados sobre condições socioeconômicas, estabilidade do governo e intensidade da religião nos países foram retirados. Os dados estão disponíveis desde o ano de 1984, até 2011.

Quanto aos dados das condições socioeconômicas o International Country Risk Guide os definem como o seguinte:

³ <http://www.worldbank.org/>

This is an assessment of the socioeconomic pressures at work in society that could constrain government action or fuel social dissatisfaction. [...] The subcomponents are: Unemployment; Consumer Confidence; and Poverty (The PRS Group, Inc.).

No quadro de riscos relacionadas as condições socioeconômicas, quanto mais baixa for a nota, maior será o risco. Em outras palavras, quanto maior for a nota, melhor será a condição socioeconômica do Estado. A nota foi indicada de 0 à 12, e o quadro é indicado como mostra o exemplo abaixo:

QUADRO 1: CONDIÇÕES SOCIOECONOMICAS

País	1984	1985	1986	1987	1988	1989	...
Albânia	7	7	7	7	7	7	...
Argélia	7,333333	7,75	7,166667	6,5	6	3,916667	...
Angola	7	6	6,333333	6,166667	6	6,416667	...

FONTE: The PRS Group, Inc. [tradução livre].

Em relação aos dados sobre estabilidade do governo, ele é definido da seguinte forma:

This is an assessment both of the government's ability to carry out its declared program(s), and its ability to stay in office. [...]The subcomponents are: Government Unity; Legislative Strength; Popular Support (The PRS Group, Inc.).

No quadro de riscos relacionada a estabilidade do governo, quanto mais baixa for a nota, maior será o risco. Em outras palavras, quanto maior for a nota, mais estável será o governo. A nota foi indicada, também, de 0 à 12, e o quadro é indicado como mostra o exemplo abaixo:

QUADRO 2: ESTABILIDADE DO GOVERNO

País	1984	1985	1986	1987	1988	1989	...
Albânia	4,833333	6,666666	7	7	7	7	...
Argélia	7,416666	8,666666	9	8,833333	8,75	7,75	...
Angola	5,333333	6,833333	6,166667	6	6	6	...

FONTE: The PRS Group, Inc. [tradução livre].

Já em relação aos dados sobre a influência da religião nos governos, nas agendas governamentais, nas políticas públicas e na economia dos países, este é classificado como risco de “tensão religiosa” e é denominado da seguinte maneira:

Religious Tensions may stem from the domination of society and/or governance by a single religious group that seeks to replace civil law by religious law and to exclude other religions from the political and/or social process; the desire of a single religious group to dominate governance; the suppression of religious freedom; the desire of a religious group to express its own identity, separate from the country as a whole (The PRS Group, Inc.).

No quadro de riscos relacionada ao risco de tensão religiosa, quanto mais baixa for a nota, maior será o risco. Assim, quanto maior for a nota, menor será a presença da religião dominante no país. A nota foi indicada dessa vez de 0 à 6, e o quadro é indicada como mostra o exemplo abaixo:

QUADRO 3: TENSÕES RELIGIOSAS

País	1984	1985	1986	1987	1988	1989	...
Albânia	6	6	6	6	6	6	...
Argélia	5	5	5	5	4,75	4	...
Angola	5	5	5	5	5	5	...

FONTE: The PRS Group, Inc. [tradução livre].

No presente trabalho, foram analisados todos os países em que os dados –tanto os retirados do Banco Mundial, quanto os retirados do ICRG- estavam completos, desde o ano de 1984, até 2011, o que rendeu, ao todo, 71 países analisados⁴.

O critério de escolha dos indicadores (crescimento anual do PIB, comércio internacional, condições socioeconômicas, estabilidade do governo e tensões religiosas) foi baseado naqueles que influenciam, direta ou indiretamente, na movimentação de capital dos Estados analisados e naqueles que serão relevantes para o resultado da pesquisa.

Após a seleção dos países e a compilação de dados, foi feito o logaritmo natural dos dados brutos. O logaritmo natural, segundo Bianchini e Santos (2002, p. 346), é definido da seguinte forma:

⁴ Na análise da presença religiosa x comércio internacional, o número de países analisados diminuiu para 67, já que os dados de 4 países estavam incompletos em relação ao comércio internacional, no site do Banco Mundial.

$$\ln(x) = \int_1^x \frac{1}{t} dt.$$

Isso significa que quando $x > 1$, o logaritmo natural de x é igual ao “valor da área da região plana limitada pela curva $y = 1/t$, pelo eixo das abscissas e pelas retas $t= 1$ e $t= x$ ” (BIANCHI; SANTOS, 2002, p. 346).

Pelo teorema fundamental do cálculo temos, imediatamente, que: $\ln'(x) = 1/x$. Além disso, a função logaritmo natural é uma função crescente, pois $\ln'(x) = 1/x > 0$, para $x > 0$. Temos, também que $\ln''(x) = -1/x^2 < 0$, para todo $x > 0$. Portanto, o gráfico de $\ln(x)$ é côncavo pra baixo (BIANCHI; SANTOS, 2002, p. 346).

O objetivo de utilizar o logaritmo natural foi normalizar a distribuição dos dados, de forma a obter resultados estatisticamente mais confiáveis. Feito o logaritmo natural dos dados, os resultados foram somados por 12 ou 22 para melhor resultado⁵, como o exemplo a seguir, realizado nos dados de El Salvador:

QUADRO 4: LOGARITMO NATURAL DOS DADOS BRUTOS

		1984	1985	1986	1987	1988	1989	...
El Salvador	Crescimento anual do PIB (%)	1,34	0,62	0,19	2,51	1,88	0,96	...
	LN	2,59	2,54	2,50	2,68	2,63	2,56	...
El Salvador	PIB per capita (US\$)	754,17	772,29	756,37	783,48	818,72	843,37	...
	LN	6,64	6,66	6,64	6,68	6,72	6,75	...
El Salvador	Inflação anual (%)	11,51	22,33	31,94	24,86	19,76	17,63	...
	LN	3,16	3,54	3,78	3,61	3,46	3,39	...
El Salvador	Condições socioeconômicas	4,33	4,00	3,75	3,00	3,00	3,00	...
	LN	2,79	2,77	2,76	2,71	2,71	2,71	...
El Salvador	Estabilidade do governo	3,33	5,17	4,25	3,33	3,42	3,00	...
	LN	2,73	2,84	2,79	2,73	2,74	2,71	...
El Salvador	Tensões religiosas	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	...
	LN	2,77	2,77	2,77	2,77	2,77	2,77	...
El Salvador	Comércio Internacional	50,290	52,210	53,714	45,094	38,095	36,928	...
	LN	4,131	4,162	4,185	4,044	3,913	3,890	...

FONTE: Dados de pesquisa, 2016

⁵ Alguns dados se apresentavam em sua forma negativa, o que dificultava no momento de fazer as correlações. Ao acrescentar 12 ou 22, os dados ficaram mais fáceis de trabalhar. Foram somados por 12 os dados abaixo de -11, e por 22 os dados acima de -11.

No quadro, LN diz respeito ao logaritmo natural. Após o resultado dos logaritmos somados a 12 ou 22, os dados foram reorganizados para que pudesse ser realizado uma correlação entre eles.

Na estatística, o coeficiente de correlação de Pearson (r) mede o grau e o sentido (positivo ou negativo) de correlação entre duas variáveis. A fórmula é dada da seguinte forma:

$$r = \frac{\sum_{i=1}^n (x_i - \bar{x})(y_i - \bar{y})}{\sqrt{\left[\sum_{i=1}^n (x_i - \bar{x})^2 \right] \left[\sum_{i=1}^n (y_i - \bar{y})^2 \right]}}$$

Para $r = 1$, a correlação entre as duas variáveis é positiva e perfeita. Para $r = -1$, a correlação entre as duas variáveis é negativa e perfeita, no caso, quando uma aumenta, a outra diminui. E para $r = 0$, as duas variáveis não dependem uma da outra linearmente, podendo existir dependência não linear. Nesse caso, quanto mais próximo de 1, positivo ou negativo, melhor a correlação (FIGUEIREDO FILHO; SILVA FILHO, 2009, p. 118). Para isso, temos as seguintes denominações de r : quando 0,9 positivo ou negativo, indica correlação muito forte; quando 0,7 a 0,9, positivo ou negativo, indica correlação forte; quando 0,5 a 0,7, positivo ou negativo, indica correlação moderada; quando 0,3 a 0,5, positivo ou negativo, indica correlação fraca; e quando 0 a 0,3, positivo ou negativo, indica correlação desprezível (FIGUEIREDO FILHO; SILVA FILHO, 2009, p. 119-124). Abaixo, exemplo dos quadros de correlação finalizada em El Salvador:

QUADRO 5: CORRELAÇÃO DE DADOS

<i>El Salvador</i>	Crescimento anual do PIB (%)	PIB per capita (US\$)	Inflação anual (%)	Condições sócio-econômicas	Estabilidade do governo	Comércio Internacional	Tensões religiosas
Tensões religiosas	0,002	0,92	-0,86	0,59	0,93	0,85	1

FONTE: Dados de pesquisa, 2016

No caso de El Salvador, como observado no quadro acima, a correlação entre as variáveis “tensões religiosas” e “crescimento anual do PIB” foi desprezível; entre “tensões religiosas” e “comércio internacional”, foi positiva e forte; entre “tensões religiosas” e a variável “inflação” foi observado correlação forte e negativa; entre “tensões religiosas” e “condições socioeconômicas”, a correlação foi positiva e moderada; já entre “tensão religiosa” e “estabilidade do governo”, a correlação foi positiva e muito forte⁶.

Feitas as correlações nas variáveis dos 71 países selecionados, os dados foram organizados em quadros de correlações positivas e negativas, que serão apresentados no capítulo 3.

⁶ O termo “tensões religiosas” foi denominado na análise de dados como “presença religiosa” para melhor entendimento.

2 A RELIGIÃO E A ECONOMIA DAS NAÇÕES

2.1 Religião e Relações Internacionais

O tema “religião” nos estudos das Relações Internacionais esteve durante décadas ausente em âmbito acadêmico, sendo incluído nos estudos de analistas apenas no fim no século XX. Para Robert Keohane (2002, p. 29), “as teorias de política internacional tradicionais ignoram o impacto da religião mesmo a política mundial tendo estado “repleto de fervor religioso”. Segundo Luiza Rodrigues Mateo (2011, p. 14), a religião é um importante fator na formação das “cosmovisões individuais, da identificação social e de atitudes cujo impacto delineiam o espaço público dos Estados e da interação entre estes”.

Antes da abrangência de temas associados a religião nos estudos das Relações Internacionais, a religião era mais utilizada para justificar sua ausência no campo acadêmico do que para mostrar sua importância social. Com a secularização⁷ e o advento da modernidade, o tema se torna menos relevante, num fenômeno chamada por Max Weber de “desencantamento do mundo” (MATEO, 2011, p. 24).

O fato da religião nas Relações Internacionais não ser tida como um tema relevante mudou quando se percebeu que a religião, especialmente o cristianismo e o islamismo, afetam esferas como a política, a economia e a sociedade internacional moderna. Jonathan Fox e Shmuel Sandler, no livro “Reconciliando Religião e Relações Internacionais”, publicado em 2006, afirmam que as Relações Internacionais não podem ser entendidas sem levar em conta o estudo das religiões (DELFINO, 2010, p. 5-7).

O início para a análise da religião no âmbito das Relações Internacionais teve como objetivo lidar com as ligações entre religião e política, principalmente após eventos como a Revolução Islâmica em 1979 e os ataques às torres gêmeas em Nova Iorque, em setembro de 2001:

O caso da revolução islâmica de 1979 foi instigante porque frustrou a expectativa generalizada de que o Oriente Médio progrediria na esteira da

⁷ “Um governo secular, em outras palavras, é aquele que age puramente baseado nos propósitos deste mundo, que é ‘não religioso’ nos seus pressupostos, motivações e deliberações” (MATEO, 2011, p. 26)

modernização e ocidentalização. Quando o Irã do aiatolá Khomeini se revestiu em devoção fundamentalista e instrumentalizou a violência religiosa, tornou-se evidente a ausência de ferramentas intelectuais para decodificar a emergência dos ditames religiosos no palco internacional. [...] Além de alterar o ordenamento político e geoestratégico global, os ataques terroristas perpetrados em Nova Iorque e Washington D. C. em setembro de 2001 também impactaram os eixos de análise das relações internacionais contemporâneas, ressaltando novas dinâmicas de conflito e novos focos de ameaça (MATEO, 2011, p. 16).

A importância do estudo da religião para as relações internacionais se dá a partir de quando a religião possui poder de influência em questões externas. Segundo Bourdieu (1998), citado por Delfino (2010, p.6):

A estrutura das relações entre o campo religioso e o campo do poder comanda, em cada conjuntura, a configuração da estrutura das relações constitutivas do campo religioso que cumpre uma função externa de legitimação da ordem estabelecida na medida em que a manutenção da ordem simbólica contribui diretamente para a manutenção da ordem política, ao passo que subversão simbólica da ordem simbólica só consegue afetar a ordem política quando se faz acompanhar por uma subversão política desta ordem (DELFINO, 2010, p. 6).

Segundo Delfino (2010, p.8), K. R. Dark, no livro “Religião e Relações Internacionais”, publicado em 2000, afirma a importância da religião como objeto nas Relações Internacionais:

O livro editado por K.R Dark tem um capítulo escrito por Scott Thomas com o título “Religion and International Conflict”, que é muito singular quanto a estas interpretações, pois descreve as formas como a religião é frequentemente interpretada nas suas relações com os conflitos internacionais. Embora o texto seja de fundamental importância sobre a questão dos conflitos e da política internacional, o mesmo apresenta também considerações importantes sobre a questão da religião nas relações internacionais de uma maneira mais ampla. [...] No texto Scott Thomas cita sete formas de interpretação da religião nas relações internacionais, a saber, a religião como forma de ideologia, como forma de identidade, transnacional, como poder flexível, movimentos religiosos como atores transnacionais, como civilização ou área cultural, como comunidade ideacional transnacional, e como comunidades interpretativas (DELFINO, 2010, p.8).

Dentre a importância que Thomas dá para a religião, ele a observa como ideologia que, por envolver valores centrais e verdades absolutas, tende a gerar conflitos mais facilmente, de forma mais intransigente. Esses conflitos seriam mais propensos à violência, principalmente em religiões monoteístas, como o Cristianismo, o Islamismo e o Judaísmo. A crença em uma única divindade toda poderosa, aumenta a sensação de autoritarismo. (DELFINO, 2010, p. 8-9).

Ainda para enfatizar a importância da religião no estudo das Relações Internacionais, Thomas nos mostra três exemplos da distinção entre a ideologia da

religião e as ideologias políticas seculares: quando Ronald Reagan⁸, ainda desejando negociar com a União Soviética, a chamou de “império do demônio”; a visão do Irã de que o Estados Unidos é a personificação do mal existente dificulta a interação estatal entre esses países; a chamada “doutrina do destino manifesto”⁹, que foi fortemente utilizada pelos Estados Unidos para expandir-se, violentamente. Dessa forma o autor nos mostra a utilização da religião pelo Estado para fomentar o controle sobre os indivíduos (DELFINO, 2010, p. 10).

Thomas também entende religião nas Relações Internacionais como fonte de identidade social:

A religião como formadora das identidades sociais dos indivíduos e grupos define o caráter, a percepção sobre quem são. Portanto, capaz de gerar afinidades entre os semelhantes, e divergência entre os que se distinguem. O autor observa a globalização como fenômeno capaz de contribuir para a construção e consolidação da religiosidade baseada em identidades sociais. [...] A globalização auxilia na reafirmação das crenças e valores, na identidade social baseada na religião tanto na política doméstica quanto nas relações internacionais (DELFINO, 2010, p. 11).

Com a globalização e a velocidade dos fluxos de informações e de pessoas, deu-se como resultado a dissolução de sociedades tradicionais, levando à desintegração social e, conseqüentemente, criando a necessidade de novas identidades. Dessa forma, os movimentos fundamentalistas se tornam uma tentativa de retomada de identidades individuais. Paralelo a isso, observa-se o surgimento de atores como a Al Qaeda, o Hamas e o movimento pentecostal cristão. Nesse caso, além de abrir espaço para novos meios de buscar informações, a globalização abre, também, espaço para reativar o poder religioso no mundo, de modo que religiões como o cristianismo e o islamismo se utilizam de diferentes meios de comunicação para propagar suas mensagens de fé. Esse ressurgimento da religião no globo pode ser visto como a falha dos Estados Modernos frente a secularização, que pode ser percebida na incapacidade dos Estados de promover a democracia e o desenvolvimento social no Oriente (MATEO, 2011, p. 18-19).

A projeção midiática de líderes espirituais e a ampla veiculação de suas mensagens são instrumentos capazes de mobilizar populações nacionais

⁸ Ronald Reagan foi o 40º presidente dos Estados Unidos da América.

⁹ A chamada doutrina do destino manifesto era a ideia de que o povo estadunidense foi escolhido por Deus para dominar o mundo e civilizar a América. Essa doutrina foi fortemente utilizada pelos Estados Unidos como forma de justificar a expansão do Estado, já que seria apenas o cumprimento da vontade divina.

inteiras, angariando seu apoio em torno de determinados planos de ação política (MATEO, 2011, p. 19-20).

Para a teoria realista das Relações Internacionais, a importância da religião se relaciona com a herança do raciocínio católico europeu. Quanto ao liberalismo, este está atracado no Iluminismo. Com a revolução behaviorista na década de 50, raramente a religião foi aprofundada com tenacidade. Já em relação a Escola Inglesa, de Martim Wight, Michael Donela e Herbert Butterfield, esta teve papel importante na abrangência da religião como objeto de estudo em campo acadêmico:

Para Scott M. Thomas, a maior contribuição da Escola Inglesa para a reflexão sobre questões culturais e religiosas nas relações internacionais passa pela teoria social de Alasdair McIntyre, em sua crítica ao 'Projeto Iluminista' de separação entre razão/moralidade e prática/tradição social. [...] Rejeitando o pressuposto moderno, o filósofo escocês interpreta a religião enquanto um tipo de tradição, que pode ser moral, econômica, estética, geográfica ou religiosa (como catolicismo, islamismo ou humanismo). O indivíduo não é uma unidade isolada, sua história é um episódio numa narrativa social mais ampla. Logo, a história do "eu" só pode ser entendida em meio à história da própria comunidade, suas identidades históricas e culturais (MATEO, 2011, p. 32).

Para Delfino (2010, p. 19), o estudo da religião nas Relações Internacionais é, então, tão importante quanto o estudo da política. Segundo ele, assim como na política, não existe religião sem objetivos e interesses:

A religião possui muito poder em unir pessoas através do compartilhamento da experiência comum, das crenças e valores. Os cristãos, os muçulmanos, os judeus, em todo o mundo, são o exemplo de uma comunidade gigantesca de pessoas que se autodeterminam irmãos fundamentados em uma experiência comum de crença. As cruzadas, e a reforma protestante podem ser um excelente exemplo de definição de que a religião é um objeto definitivamente dotado de objetivos e interesses (DELFINO, 2010, p.19).

2.2 A economia internacional como estudo

As ciências econômicas são, também, importante campo de estudo para as Relações Internacionais. Segundo Krugman e Obstfeld (2005, p. 1), a disciplina da economia deu-se início a partir de estudos de finanças e comércio internacional, tendo os debates acerca da política comercial britânica no início do século XIX contribuído consideravelmente para que a economia se tornasse uma disciplina voltada por modelos que é hoje em dia.

Eles ainda acreditam que a economia internacional se utiliza dos mesmo métodos de análise que as outras subáreas da economia, já que “o comportamento dos indivíduos são iguais, seja no comércio internacional, seja nas transações internas” (KRUGMAN; OBSTFELD, 2005, p. 3).

As lojas de alimentos finos na Flórida vendem grãos de café tanto do México quanto do Havaí; a sequência de eventos que levaram esses grãos às lojas não é muito diferente, e os grãos importados viajaram uma distância muito menor! Porém, a economia internacional envolve preocupações novas e diferentes, já que o comércio e os investimentos internacionais ocorrem entre nações independentes. Os Estados Unidos e o México são Estados soberanos; a Flórida e o Havaí não. Os carregamentos de café do México para a Flórida poderiam ser interrompidos se o governo dos Estados Unidos impusesse uma cota que limitasse as importações; o café mexicano poderia repentinamente se tornar mais barato para os compradores norte-americanos se o peso caísse em relação ao dólar. Nenhum desses eventos poderia ocorrer no comércio dentro dos Estados Unidos, pois a Constituição proíbe restrições ao comércio interestadual e todos os estados do país utilizam a mesma moeda (KRUGMAN; OBSTFELD, 2005, p. 3).

Nesse caso, a economia internacional foca em questões relacionadas a problemas especiais do contato econômico entre os Estados, tendo como temas recorrentes no estudo da economia internacional os ganhos do comércio, o padrão do comércio, quanto comércio permitir, balanço de pagamentos, determinação da taxa de câmbio, coordenação das políticas econômicas internacionais e mercado internacional de capitais (KRUGMAN & OBSTFELD, 2005, p. 3).

A forma como a religião influencia a economia e até que ponto chega essa influência ainda não é um debate muito claro para as ciências econômicas. Desde “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, de Max Weber, pesquisadores vem se debruçando sobre o tema seja para comprovar a obra de Weber, seja para contestá-la. Um dos trabalhos mais notórios, foi o da economista Sascha O. Becker, que a partir do trabalho de Weber analisou o crescimento econômico da Prússia e chegou à conclusão que, pelo menos para a Alemanha, Weber estava certo em relação a influência protestante no desenvolvimento capitalista.

Para esse tema, alguns autores fazem algumas observações.

2.3 Religião e economia

O filósofo britânico John Stuart Mill, apesar de acreditar que a religião serve para uma necessidade ética, criticava as tradicionais doutrinas religiosas que, segundo ele,

instigou a indiferença para a felicidade humana. Ele observou a ligação direta que existia entre a Igreja, a cultura e a educação, exercendo forte poder de influência sobre os desejos involuntários, interferindo na opinião pública (CORREIA, 2003, p. 7).

Mill acreditava que o mundo que nós conhecemos não poderia ter sido obra de um Deus, considerando a maldade existente. Ele questionava a existência de um Deus e, como alternativa para a religião tradicional, ele acreditava num tipo elevado de utilitarismo¹⁰. Mill acreditava que a base para o desenvolvimento seria o avanço intelectual (CORREIA, 2003, p. 7).

O filósofo Karl Marx entende a religião como ideologia e acredita que existe uma discussão definitiva sobre a dúvida de se a Igreja influencia as atitudes humanas, ou se as atitudes humanas influenciam a Igreja. (CORREIA, 2003, p. 7).

Para Marx e Engels, as ideias são produtos da atividade material dos homens, sendo a formação de ideias religiosas explicada a partir de como os homens produzem seus bens materiais.

As representações, o pensamento, o comércio espiritual entre os homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção espiritual, tal como aparece na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc., de um povo (MARX & ENGELS, p. 18).

O reflexo religioso do mundo real só pode desaparecer, quando as condições práticas das atividades cotidianas do homem representem, normalmente, relações racionais claras entre os homens e entre estes e a natureza. A estrutura [...] do processo da produção material, só pode desprender-se do seu véu nebuloso e místico, no dia em que for obra de homens livremente associados, submetida a seu controle consciente e planejado (MARX, p. 205).

Marx ainda deixa claro que ele concorda com a noção de que o Protestantismo impulsiona o crescimento econômico mais do que o Catolicismo. (CORREIA, 2003, p. 7).

O filósofo Friedrich Engels acreditava que o Cristianismo, assim como o Socialismo, surgiu com a finalidade de ajudar os oprimidos. Acreditava, porém, que o Cristianismo estimulava esses oprimidos a não se rebelarem e esperarem o reino dos céus, e, nesse caso, o Socialismo apareceria como solução (CORREIA, 2003, p. 7).

¹⁰ O utilitarismo foi uma doutrina defendida por John Stuart Mill e Jeremy Bentham que afirmava que ações boas eram as que promoviam felicidade, e ações ruins eram as que promoviam o oposto da felicidade.

Troeltsch acreditava que o mundo moderno possuía três pilares: o Estado, o individualismo político e o capitalismo. Sérgio da Mata em sua obra “Religião e Modernidade em Ernst Troeltsch”, afirmava que Troeltsch reconhecia o impetuoso poder da Igreja, e quanto a religião na modernidade:

Em que pese a vitalidade da religião, para Troeltsch não parece haver nenhuma grande novidade no multifacetado universo da religiosidade extra-eclésiástica. Há ali um pouco de tudo: uma fé cristã interiorizada e, ao mesmo tempo, intimamente articulada com o ideário moderno; um idealismo ético de extração kantiana-fichteana, mesclado com elementos das doutrinas de Goethe e Hegel; um sincretismo radical em que cabem princípios religiosos das mais distintas tradições; comunidades espíritas e ocultistas nas quais antigos cultos aos espíritos são revividos; uma volátil religião artificial (*freischwebende Kunstreligion*) que procura mesclar fruição estética e experiência da natureza; reavivamentos pessimistas e salvacionistas que se articulam antes ao budismo que ao cristianismo; uma ânsia de religião sem expressão sociológica coerente e que, entretanto, recua diante de toda e qualquer idéia “religiosa”; um pensamento cristão que se ampara unicamente na certeza íntima da revelação divina, que a constrói por intermédio da história e que aposta numa renovação ética da personalidade individual e coletiva com base na crença em tal revelação (MATA, 2008, p.241).

O Cristianismo, segundo ele, nasceu com a Europa e jamais se emanciparia do mundo em sua totalidade, mesmo com a modernidade, que extinguiria apenas alguns aspectos da religião. Ernst Troeltsch acreditava que havia uma relação de influência mútua entre religião e economia e acreditava na ideia de Weber de que o Cristianismo influencia a economia –além de acreditar em outros fatores que também influenciaram o desenvolvimento econômico (MATA, 2008, p. 7, p.245).

Max Weber iniciou uma ampla discussão sobre a relação entre economia e religião após lançar sua obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, onde defendia que o Protestantismo estimulou o desenvolvimento capitalista com mais intensidade do que o Catolicismo. Segundo ele, os protestantes demonstraram tendências características para o racionalismo econômico –como o desejo de melhorar financeiramente, a poupança, a vocação (estimulando a mão-de-obra) e a abolição da confissão (estimulando a ética) -, coisa que não era observado entre os católicos. Para Weber, a religião influencia, então, o modo de vida das pessoas, influenciando assim o capitalismo. (CORREIA, 2003, p. 8).

Segundo Weber (1967), citado por Correia (2003, p. 9), “combinando essa restrição do consumo com essa liberação da procura de riqueza, é obvio o resultado que daí decorre: a acumulação capitalista através da compulsão ascética à poupança.

As restrições impostas ao uso da riqueza adquirida só poderiam levar a seu uso produtivo como investimento de capital”.

Weber observou que a maioria dos empresários da Alemanha –onde moravam protestantes ou de famílias protestantes, e explicou esse fenômeno com o “espírito do capitalismo”. Para ele, o capitalismo era uma ação econômica que se baseava na expectativa de lucro pela utilização das oportunidades de troca, enquanto a ética social e o espírito do capitalismo ele cita que:

A tentativa de dar qualquer definição para isso implica em certas dificuldades, inerentes à natureza deste tipo de investigação. Se puder ser encontrado algo a que se possa aplicar esse termo, com algum significado compreensível, só poderá ser uma individualidade histórica, isto é, um complexo de elementos associados na realidade histórica que nós aglutinamos em um todo conceitual, do ponto de vista de seu significado cultural. [...] não é necessário compreender como espírito do capitalismo somente aquilo que viria a significar para nós, para os propósitos da nossa análise. Esse é um resultado necessário da natureza dos conceitos históricos que tentam, para suas finalidades metodológicas, apanhar a realidade histórica não em uma forma abstrata e geral, mas em concretos conjuntos genéticos de relações, inevitavelmente de caráter individual, e especificamente únicos (WEBER, 1967, p. 18).

Weber afirmava que o Protestantismo criou a base para esse “espírito do capitalismo”, dessa forma, incentivando o desenvolvimento econômico.

Por outro lado, ele também acreditava que a riqueza econômica dos(as) protestantes poderia ser explicada por fatores históricos –como a herança- além de acreditar que a Reforma Protestante não aconteceu com o intuito de instigar o capitalismo, apesar de seguramente ter influenciado o desenvolvimento desse sistema. Em sua obra, Weber defende que a Igreja luterana, a calvinista, e a anglicana influenciam o “espírito do capitalismo” inquestionavelmente, quando comparadas ao Catolicismo que, para ele, não exerce influência positiva sobre o capitalismo. (CORREIA, 2003, p. 8).

Werner Sombart discordava de Weber, afirmando que o Judaísmo teve papel de influência no desenvolvimento do sistema capitalista muito maior do que o Cristianismo. Sombart passa grande parte de sua obra analisando as duas religiões e ressaltando pontos importantes no Judaísmo em relação a crescimento econômico, que são mais abrangentes do que na religião Cristã. Ele acreditava que o Judaísmo possuía ideias –anteriores as ideias Cristãs- mais adaptadas ao “espírito do capitalismo” (CORREIA, 2003, p. 10).

Sombart (1951), citado por Correia (2003, p. 10), afirma: “estes quatro elementos, intelectualidade, teologia, energia e mobilidade, são os elementos que compõem o caráter judeu. Eu acredito que todas as qualidades dos judeus podem ser descritas por estes elementos, que são de extrema importância para a vida econômica”.

O economista ex-ministro italiano Amintore Fanfani concorda, em partes com a tese de Weber. Para ele, o Cristianismo teve uma importância significativa no desenvolvimento econômico, porém, baseado na ideia de que o capitalismo surgiu antes da Reforma Protestante, não acredita que o Protestantismo tenha sido uma causa para o surgimento desse sistema. Apesar disso, Fanfani vê uma enorme contribuição do Protestantismo para o desenvolvimento capitalista, juntamente com outros aspectos como a política e a tecnologia (CORREIA, 2003, p. 11).

Fanfani justificava o “espírito capitalista” em países católicos com a diminuição da fé católica, e defendia que o Catolicismo, na verdade, atrapalhava o desenvolvimento capitalista. Segundo Fanfani (1953), citado por Correia (2003, p. 12):

Se eu, empresário, tenho que abastecer uma fábrica com matérias primas, tentarei adquiri-las segundo o critério do custo econômico mínimo. No entanto, como sou católico, deverei comprovar que este critério não está em oposição aos objetivos católicos, que são superiores aos econômicos. Por exemplo, objetivo de natureza social, se existe oposição a esse objetivo, não posso vacilar e devo preferir o meio economicamente mais custoso, no entanto, mais racional socialmente falando. Depois de comprovado que minha política está me levando a Deus, poderei considerar que estou administrando licitamente, segundo os preceitos católicos, a minha atividade econômica. [...] Sem dúvida, repetiremos uma vez mais, que no fundo a razão verdadeira e última da oposição entre a ética católica e a ética capitalista se encontra na diferente forma de ligar as ações humanas (e no caso específico, as ações econômicas) com Deus. Já dissemos, que o católico mede a legalidade de todo ato de acordo com os critérios cristãos, enquanto o capitalismo não duvida da hombridade de todo ato que esteja de acordo com as exigências do que ele considera razão da existência humana (CORREIA, 2003, p.12).

Hugh Michael Robertson também não concordava com a ideia de que o Protestantismo fosse um dos fundadores do capitalismo, mas suas críticas a obra de Weber iam além. Para ele: a busca da vocação individual foi, na verdade, algo estruturado pelos(as) católicos(as); o Catolicismo não é necessariamente um atraso econômico, considerando aspectos geográficos muito mais importante; o que estimulou o capitalismo foi, na verdade, o Renascimento; e, já que Lutero era crítico em aspectos econômicos, o Protestantismo era mais atraso para o capitalismo do que o Catolicismo. (CORREIA, 2003, p. 13).

Kurt Samuelsson é ainda mais rígido em sua crítica para Weber do que Robertson e afirma, inclusive, que a relação de influência entre religião e capitalismo é quase inexistente. Ele também desconsidera a poupança como atitude estimulante para o espírito capitalista e não concorda com a ideia de que o Protestantismo empurrou o crescimento do espírito capitalista, desconsiderando –juntamente com Robertson- a diferença entre capitalismo tradicional e capitalismo moderno¹¹ (CORREIA, 2003, p. 13-14).

Entre os autores e autoras mais atuais que abordam as perspectivas religiosas no âmbito da economia, temos os exemplos de Michel Falise, Daniel Fustfeld, Robert Woodberry e Rachel McCleary.

Michel Falise, acredita que o Cristianismo pode, sim, influenciar o capitalismo. Sobre isso, Falise (1991), citado por Correia (2003, p. 15) afirma que:

Ficou patente que a liberdade e o querer dos homens podem imprimir direção à economia, e que essa direção pode receber luz e força do olhar ético. Dentro dessa perspectiva, cada qual está convidado a discernir quais os graus de liberdade pessoal aqui e agora, a tomar consciência dos interesses associados, a explicitar os valores que vão ser guias de suas opções, a tomar as preferências e os valores solidários com algum significado de homem e sua dignidade. Viver a prática econômica –quinhão nosso de cada dia- pode transformar-se em viver a ética econômica. Para o cristão, cuja fé precisa dar sentido e força a vida como um todo, trata-se de viver a prática cristã (CORREIA, 2003, p.15).

Daniel Fustfeld também afirmava que o Catolicismo atrasava o desenvolvimento econômico capitalista, assim como Robert Woodberry, e ele analisa a relação do Protestantismo e do colonialismo inglês com o sistema político dos países que foram colonizados:

Woodberry conclui que as colônias inglesas, quando comparadas às demais colônias europeias, apresentam um nível educacional muito maior, que acabou resultando em maior conscientização das diversas classes sociais e, conseqüentemente, em maior nível de democratização dessas sociedades. Isso tudo só foi possível, segundo Woodberry, porque havia concorrência entre as missões, normalmente protestantes, e não havia relação de dependência financeira dessas missões com o Estado colonial inglês (CORREIA, 2003, p. 18).

¹¹ Segundo Correia (2003, p. 15), o capitalismo tradicional é “o capitalismo mercantilista, no qual o capitalista não se preocupava em não ostentar, investir em sua empresa, a regra geral era a do saque às colônias. Os empresários eram especuladores em larga escala, colonizadores, ou seja, orientados pela apropriação através da força”. Enquanto o capitalismo moderno é o capitalismo que “privilegia a frugalidade, a preocupação com o investimento para o crescimento das empresas. Baseia-se na expectativa de lucro através da utilização das oportunidades de troca, isto é, nas possibilidades pacíficas de lucro. Está calcado na utilização planejada de recursos materiais e pessoais”.

Rachel McCleary analisa a tese de Weber de que religião e economia possuem relação de influência em cada uma das quatro maiores religiões em número de fiéis (Cristianismo, Hinduísmo, Budismo e Islamismo). Ela chegou as seguintes conclusões:

[...] 1) as quatro religiões acreditam que a riqueza é algo positivo e a pobreza, negativo e, por isso todas elas estimulam, em sua doutrina, o crescimento econômico; 2) as religiões que enfatizam mais a crença no inferno do que no céu (cristãs e islâmicas) acabam incentivando aspectos como trabalho, poupança e empréstimos, que estimulam o crescimento econômico, enquanto religiões como o Hinduísmo e o Budismo enfatizam a crença no céu e a distribuição de renda sob a forma de doação, como meio de alcançá-lo, atitude que, segundo a autora, contribui menos para o desenvolvimento econômico (CORREIA, 2003, p. 19).

Observa-se então, que a maioria dos(as) autores e autoras concordam com a ideia de que entre a religião e a economia existe uma relação de influência que é importante para o desenvolvimento econômico. As opiniões divergem quanto qual religião possui um nível maior de influência. Os autores e as autoras que não concordavam com as ideias de Weber tivera, entretanto, dificuldade para conseguir provar suas teorias ou para desmentir a teoria de Weber de que o Protestantismo exerce poder significativo no desenvolvimento capitalista. Em outras palavras, a obra de Weber ainda não conseguiu ser totalmente contestada. (CORREIA, 2003, p. 21).

Em destaque para essa pesquisa, temos a opinião de Mateo (2011, p. 34) sobre o estudo da religião no campo da economia e das relações internacionais, em que ela afirma que, mesmo os autores dedicados a religião no campo das Relações Internacionais defenderem a síntese teórica, é indispensável as análises quantitativas e, mais ainda, a dedução de variáveis, com relação aos aspectos religiosos na política internacional.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Após a revisão bibliográfica e os passos quantitativos já explicados na metodologia, quatro correlações foram analisadas: presença religiosa x crescimento anual do PIB; presença religiosa x comércio internacional; presença religiosa x estabilidade do governo; e presença religiosa x condições socioeconômicas. Abaixo, os seguintes resultados.

3.1 Presença religiosa x crescimento anual do PIB

QUADRO 6: PRESENÇA RELIGIOSA X CRESCIMENTO ANUAL DO PIB
(CORRELAÇÃO POSITIVA)

País	Religião x Crescimento do PIB (anual %)	Classificação da população	Renda	Região
Trinidade e Tobago	0,62	Maioria cristã	Alta	América do Sul
Bolívia	0,48	Maioria cristã	Média baixa	América do Sul
Camarões	0,45	Maioria cristã	Média baixa	África
Portugal	0,43	Maioria cristã	Alta	Europa
Japão	0,42	Maioria não-cristã	Alta	Ásia
Peru	0,41	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Índia	0,40	Maioria não-cristã	Média baixa	Ásia
África do Sul	0,38	Maioria cristã	Média alta	África
Noruega	0,35	Maioria cristã	Alta	Europa
Israel	0,33	Maioria não-cristã	Alta	Ásia
França	0,32	Maioria cristã	Alta	Europa
Holanda	0,32	Maioria cristã	Alta	Europa
Guatemala	0,30	Maioria cristã	Média baixa	América Central
Jordânia	0,30	Maioria não-cristã	Média alta	Ásia

Nicarágua	0,30	Maioria cristã	Média baixa	América Central
Quênia	0,26	Maioria cristã	Média baixa	África
Arábia Saudita	0,25	Maioria não-cristã	Alta	Ásia
Bahrein	0,23	Maioria não-cristã	Alta	Ásia
Jamaica	0,21	Maioria cristã	Média alta	América Central
Tailândia	0,17	Maioria não-cristã	Média alta	Ásia
Grécia	0,16	Maioria cristã	Alta	Europa
Estados Unidos	0,16	Maioria cristã	Alta	América do Norte
Brasil	0,15	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Egito	0,12	Maioria não-cristã	Média baixa	África/Ásia
México	0,11	Maioria cristã	Média alta	América do Norte
Costa do Marfim	0,11	Maioria cristã	Média baixa	África
Irlanda	0,10	Maioria cristã	Alta	Europa
Singapura	0,07	Maioria não-cristã	Alta	Ásia
Argentina	0,07	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Bélgica	0,06	Maioria cristã	Alta	Europa
Senegal	0,05	Maioria não-cristã	Baixa	África
Tunísia	0,05	Maioria não-cristã	Média baixa	África
Filipinas	0,03	Maioria cristã	Média baixa	Ásia
Espanha	0,03	Maioria cristã	Alta	Europa
Áustria	0,03	Maioria cristã	Alta	Europa
Equador	0,03	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Papua-Nova Guiné	0,00	Maioria cristã	Média baixa	Oceania
Turquia	0,00	Maioria não-cristã	Média alta	Europa/Ásia
Nova Zelândia	0,00	Maioria cristã	Alta	Oceania
República Dominicana	0,00	Maioria cristã	Média alta	América Central
Austrália	0,00	Maioria cristã	Alta	Oceania
Gana	0,00	Maioria não-cristã	Média alta	África

Dinamarca	0,00	Maioria cristã	Alta	Europa
Costa Rica	0,00	Maioria cristã	Média alta	América Central
Togo	0,00	Maioria não-cristã	Baixa	África
Gabão	0,00	Maioria cristã	Média alta	África
Finlândia	0,00	Maioria cristã	Alta	Europa

FONTE: Dados de pesquisa, 2016

QUADRO 7: PRESENÇA RELIGIOSA X CRESCIMENTO ANUAL DO PIB
(CORRELAÇÃO NEGATIVA)

País	Religião x Crescimento do PIB (anual %)	Classificação da população	Renda	Região
Chile	-0,48	Maioria cristã	Alta	América do Sul
Sri Lanka	-0,41	Maioria não-cristã	Média baixa	Ásia
Argélia	-0,39	Maioria não-cristã	Média alta	África
Paraguai	-0,27	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Islândia	-0,24	Maioria cristã	Alta	Europa
Itália	-0,24	Maioria cristã	Alta	Europa
Honduras	-0,21	Maioria cristã	Média baixa	América Central
Uganda	-0,20	Maioria cristã	Baixa	África
Malawi	-0,19	Maioria cristã	Baixa	África
Colômbia	-0,15	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Indonésia	-0,14	Maioria não-cristã	Média baixa	Ásia
Malásia	-0,14	Maioria não-cristã	Média alta	Ásia
Venezuela	-0,12	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Nigéria	-0,11	Maioria cristã	Média baixa	África
Marrocos	-0,11	Maioria não-cristã	Média baixa	África
Paquistão	-0,10	Maioria não-cristã	Média baixa	Ásia
Brunei	-0,09	Maioria não-cristã	Alta	Ásia

Canadá	-0,08	Maioria cristã	Alta	América do Norte
Suíça	-0,06	Maioria cristã	Alta	Europa
Sudão	-0,01	Maioria não-cristã	Média baixa	África
El Salvador	-0,00	Maioria cristã	Média baixa	América Central
Suécia	-0,00	Maioria cristã	Alta	Europa
Panamá	-0,00	Maioria cristã	Média alta	América Central
Uruguai	-0,00	Maioria cristã	Alta	América do Sul

FONTE: Dados de pesquisa, 2016

Considerando que no fator “religião”, quanto mais alto a nota da classificação, menos presença da religião existe nos Estados analisados¹², o quadro de correlação positiva nos indica que nos países que se encontram nesse grupo, quanto maior a presença da religião, menor será o crescimento anual do PIB. Em contrapartida, nos países que se encaixaram no grupo de correlações negativas, quanto maior a presença da religião no Estado, maior será o crescimento anual do PIB.

A análise da primeiro quadro nos mostra que 31% dos países -15 de 47- do grupo, apresentaram correlação entre a presença da religião e o crescimento anual do PIB, de fraca à moderada. Observa-se, também, que além de nenhum desses 15 países apresentarem uma renda baixa segundo o Banco Mundial, a maioria deles -73%- possuem uma população de maioria cristã. Nota-se, também, que o fator “região” não influencia os dados, já que esses 15 países se encontram em regiões diversas.

Ao analisar a segundo quadro podemos notar resultados interessantes: dos 24 países que se encaixaram nesse grupo, apenas 3 deles apresentam uma correlação, ainda que fraca, entre a presença da religião no Estado e o crescimento anual do PIB. E desses três Estados, um deles possui a maioria da população cristã.

Ao todo, 15 Estados, de acordo com essa análise, tem uma correlação em que a maior presença da religião afetaria de forma negativa o crescimento anual do PIB, enquanto que em 3 Estados, entre o crescimento da religião e do PIB há influências favoráveis.

¹² De acordo com o International Country Risk Guide.

3.2 Presença religiosa x comércio internacional

QUADRO 8: PRESENÇA RELIGIOSA X COMÉRCIO INTERNACIONAL
(CORRELAÇÃO POSITIVA)

País	Religião x Comércio Internacional	Classificação da população	Renda	Região
Trinidade e Tobago	0,88	Maioria cristã	Alta	América do Sul
Irlanda	0,88	Maioria cristã	Alta	Europa
El Salvador	0,85	Maioria cristã	Média baixa	América Central
Malásia	0,78	Maioria não-cristã	Média alta	Ásia
Peru	0,77	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Canada	0,77	Maioria cristã	Alta	América do Norte
Argentina	0,74	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Guatemala	0,73	Maioria cristã	Média baixa	América Central
Colômbia	0,68	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Equador	0,66	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Turquia	0,64	Maioria não-cristã	Média alta	Europa/Ásia
Egito	0,61	Maioria não-cristã	Média baixa	África/Ásia
Tunísia	0,60	Maioria não-cristã	Média baixa	África
Brasil	0,59	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Marrocos	0,58	Maioria não-cristã	Média baixa	África
Sudão	0,55	Maioria não-cristã	Média baixa	África
Bolívia	0,51	Maioria cristã	Média baixa	América do Sul
Jordânia	0,48	Maioria não-cristã	Média alta	Ásia
Senegal	0,42	Maioria não-cristã	Baixa	África
Estados Unidos	0,42	Maioria cristã	Alta	América do Norte

Chile	0,40	Maioria cristã	Alta	América do Sul
Espanha	0,38	Maioria cristã	Alta	Europa
Paquistão	0,38	Maioria não-cristã	Média baixa	Ásia
Itália	0,35	Maioria cristã	Alta	Europa
Sri Lanka	0,32	Maioria não-cristã	Média baixa	Ásia
Suíça	0,27	Maioria cristã	Alta	Europa
Malawi	0,27	Maioria cristã	Baixa	África
Índia	0,27	Maioria não-cristã	Média baixa	Ásia
Nicarágua	0,25	Maioria cristã	Média baixa	América Central
Quênia	0,24	Maioria cristã	Média baixa	África
África do Sul	0,10	Maioria cristã	Média alta	África
Arábia Saudita	0,10	Maioria não-cristã	Alta	Ásia
Indonésia	0,09	Maioria não-cristã	Média baixa	Ásia
Camarões	0,03	Maioria cristã	Média baixa	África
Islândia	0,01	Maioria cristã	Alta	Europa
Noruega	0,00	Maioria cristã	Alta	Europa
Gabão	0,00	Maioria cristã	Média alta	África
Nova Zelândia	0,00	Maioria cristã	Alta	Oceania
Dinamarca	0,00	Maioria cristã	Alta	Europa
Panamá	0,00	Maioria cristã	Média alta	América Central
Finlândia	0,00	Maioria cristã	Alta	Europa
Suécia	0	Maioria cristã	Alta	Europa

FONTE: Dados de pesquisa, 2016

QUADRO 9: PRESENÇA RELIGIOSA X COMÉRCIO INTERNACIONAL
(CORRELAÇÃO NEGATIVA)

País	Religião x Comércio Internacional	Classificação da população	Renda	Região
Singapura	-0,84	Maioria não-cristã	Alta	Ásia
Costa do Marfim	-0,75	Maioria cristã	Média baixa	África
Uganda	-0,71	Maioria cristã	Baixa	África
México	-0,60	Maioria cristã	Média alta	América do Norte

Tailândia	-0,60	Maioria não-cristã	Média alta	Ásia
França	-0,60	Maioria cristã	Alta	Europa
Portugal	-0,56	Maioria cristã	Alta	Europa
Holanda	-0,55	Maioria cristã	Alta	Europa
Belgica	-0,55	Maioria cristã	Alta	Europa
Honduras	-0,49	Maioria cristã	Média baixa	América Central
Argélia	-0,36	Maioria não-cristã	Média alta	África
Bahrein	-0,36	Maioria não-cristã	Alta	Ásia
Israel	-0,32	Maioria não-cristã	Alta	Ásia
Nigéria	-0,24	Maioria cristã	Média baixa	África
Japão	-0,22	Maioria não-cristã	Alta	Ásia
Austria	-0,20	Maioria cristã	Alta	Europa
Filipinas	-0,11	Maioria cristã	Média baixa	Ásia
Venezuela	-0,05	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Grécia	0,00	Maioria cristã	Alta	Europa
República Dominicana	0,00	Maioria cristã	Média alta	América Central
Australia	0,00	Maioria cristã	Alta	Oceania
Togo	0,00	Maioria não-cristã	Baixa	África
Gana	0,00	Maioria não-cristã	Média alta	África
Costa rica	0,00	Maioria cristã	Média alta	América Central
Uruguai	0,00	Maioria cristã	Alta	América do Sul

FONTE: Dados de pesquisa, 2016

O quadro de correlação positiva nos indica que nos países que se encontram nesse grupo, quanto maior a presença da religião, menor será o comércio internacional nesse país. Enquanto que nos países que se encaixaram no grupo de correlações negativas, quanto maior a presença da religião no Estado, maior será o comércio internacional do país.

Na primeiro quadro podemos ver que 59% dos países (25 países, de 42) do grupo, apresentaram correlação entre a presença da religião e o comércio internacional, de fraca à muito forte. Apenas um desses 25 países apresentam renda baixa, segundo o

Banco Mundial, e, de novo, a maioria deles (60%) possuem uma população de maioria cristã. Dessa vez, o único país de maioria cristã que se encaixava no quadro de correlação negativa entre presença religiosa e crescimento anual do PIB, passa para o quadro de correlação positiva quando se trata do comércio internacional. 79% dos países que apresentam alguma correlação desfavorável entre a religião e o comércio internacional fazem parte do Sul Global.

Já no quadro de correlações negativas, 13 dos 25 (52%) dos países do grupo possuem correlação de fraca à forte. 61% desses 19 países em que o aumento da presença religiosa aumenta, também, o comércio internacional, possuem população de maioria cristã e, dessa vez, um deles também se encaixam na categoria de renda baixa.

3.3 Presença religiosa x estabilidade do governo

QUADRO 10: PRESENÇA RELIGIOSA X ESTABILIDADE DO GOVERNO
(CORRELAÇÃO POSITIVA)

País	Religião x Estabilidade do governo	Classificação da população	Renda	Região
El Salvador	0,93	Maioria cristã	Média baixa	América Central
Guatemala	0,79	Maioria cristã	Média baixa	América Central
Trinidade e Tobago	0,78	Maioria cristã	Alta	América do Sul
Bolívia	0,77	Maioria cristã	Média baixa	América do Sul
Argentina	0,76	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Brunei	0,76	Maioria não-cristã	Alta	Ásia
Arábia Saudita	0,72	Maioria não-cristã	Alta	Ásia
Peru	0,71	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Marrocos	0,69	Maioria não-cristã	Média baixa	África
Brasil	0,67	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Malásia	0,64	Maioria não-cristã	Média alta	Ásia
Chile	0,63	Maioria cristã	Alta	América do Sul

Camarões	0,63	Maioria cristã	Média baixa	África
Paraguai	0,58	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Jordânia	0,57	Maioria não-cristã	Média alta	Ásia
Israel	0,55	Maioria não-cristã	Alta	Ásia
Bahrein	0,54	Maioria não-cristã	Alta	Ásia
Turquia	0,53	Maioria não-cristã	Média alta	Europa/Ásia
Suíça	0,53	Maioria cristã	Alta	Europa
Holanda	0,50	Maioria cristã	Alta	Europa
Equador	0,50	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Grécia	0,42	Maioria cristã	Alta	Europa
Tunísia	0,41	Maioria não-cristã	Média baixa	África
África do Sul	0,40	Maioria cristã	Média alta	África
Colômbia	0,34	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Egito	0,34	Maioria não-cristã	Média baixa	África/Ásia
Índia	0,23	Maioria não-cristã	Média baixa	Ásia
Jamaica	0,22	Maioria cristã	Média alta	América Central
Canadá	0,20	Maioria cristã	Alta	América do Norte
Sudão	0,13	Maioria não-cristã	Média baixa	África
Portugal	0,12	Maioria cristã	Alta	Europa
Tailândia	0,09	Maioria não-cristã	Média alta	Ásia
Áustria	0,06	Maioria cristã	Alta	Europa
Indonésia	0,05	Maioria não-cristã	Média baixa	Ásia
Irlanda	0,04	Maioria cristã	Alta	Europa
Finlândia	0,00	Maioria cristã	Alta	Europa
Suécia	0,00	Maioria cristã	Alta	Europa
Nova Zelândia	0,00	Maioria cristã	Alta	Oceania
Austrália	0,00	Maioria cristã	Alta	Oceania
Gana	0,00	Maioria não-cristã	Média alta	África
Panamá	0,00	Maioria cristã	Média alta	América Central
Togo	0,00	Maioria não-cristã	Baixa	África

Costa Rica	0,00	Maioria cristã	Média alta	América Central
------------	------	----------------	------------	-----------------

FONTE: Dados de pesquisa, 2016

QUADRO 11: PRESENÇA RELIGIOSA X ESTABILIDADE DO GOVERNO
(CORRELAÇÃO NEGATIVA)

País	Religião x Estabilidade do governo	Classificação da população	Renda	Região
Singapura	-0,75	Maioria não-cristã	Alta	Ásia
Quênia	-0,62	Maioria cristã	Média baixa	África
Honduras	-0,51	Maioria cristã	Média baixa	América Central
Japão	-0,46	Maioria não-cristã	Alta	Ásia
Malawi	-0,43	Maioria cristã	Baixa	África
Sri Lanka	-0,39	Maioria não-cristã	Média baixa	Ásia
Uganda	-0,39	Maioria cristã	Baixa	África
Costa do Marfim	-0,33	Maioria cristã	Média baixa	África
Nigéria	-0,30	Maioria cristã	Média baixa	África
Venezuela	-0,30	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Paquistão	-0,22	Maioria não-cristã	Média baixa	Ásia
Nicarágua	-0,22	Maioria cristã	Média baixa	América Central
México	-0,21	Maioria cristã	Média alta	América do Norte
Itália	-0,20	Maioria cristã	Alta	Europa
Islândia	-0,17	Maioria cristã	Alta	Europa
Argélia	-0,15	Maioria não-cristã	Média alta	África
França	-0,13	Maioria cristã	Alta	Europa
Noruega	-0,10	Maioria cristã	Alta	Europa
Bélgica	-0,09	Maioria cristã	Alta	Europa
Espanha	-0,07	Maioria cristã	Alta	Europa
Filipinas	-0,07	Maioria cristã	Média baixa	Ásia
Senegal	-0,05	Maioria não-cristã	Baixa	África
Estados Unidos	-0,03	Maioria cristã	Alta	América do Norte
Papua-Nova Guiné	-0,02	Maioria cristã	Média baixa	Oceania

Gabão	0,00	Maioria cristã	Média alta	África
Uruguai	0,00	Maioria cristã	Alta	América do Sul
Dinamarca	0,00	Maioria cristã	Alta	Europa
República Dominicana	0,00	Maioria cristã	Média alta	América Central

FONTE: Dados de pesquisa, 2016

Nos países que se encontram no grupo de correlações positiva, quanto maior a presença da religião, menor será a estabilidade do governo nesse país. Nos países que se encaixaram no grupo de correlações negativas, quanto maior a presença da religião no Estado, maior será a estabilidade do governo no país.

Analisando a primeiro quadro, vemos, então, que 60% dos países (26 países, de 43) do grupo, apresentaram correlação entre a presença da religião e a estabilidade do governo, de fraca à muito forte. Mais uma vez, desses 60%, nenhum apresenta uma renda baixa, segundo o Banco Mundial, e, aqui também, a maioria deles (61%) possuem uma população de maioria cristã. O Chile, único país de maioria cristã que se encaixava no quadro de correlação negativa entre presença religiosa e crescimento anual do PIB, passa mais uma vez para o quadro de correlação positiva quando se trata da estabilidade do governo.

No quadro de correlações negativas, apenas 10 dos 28 (35%) dos países do grupo possuem correlação de fraca à forte. Nesses países, o aumento da presença da religião aumenta também a estabilidade do governo, e 70% deles possuem população de maioria cristã. Apenas dois desses 10 países se encaixam na categoria de renda baixa.

3.4 Presença religiosa x condições socioeconômicas

QUADRO 12: PRESENÇA RELIGIOSA X CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS (CORRELAÇÃO POSITIVA)

País	Religião x Condições Socioeconômicas	Classificação da população	Renda	Região
Malawi	0,95	Maioria cristã	Baixa	África
Costa do Marfim	0,94	Maioria cristã	Média baixa	África

Israel	0,82	Maioria não-cristã	Alta	Ásia
Argélia	0,77	Maioria não-cristã	Média alta	África
Quênia	0,69	Maioria cristã	Média baixa	África
Peru	0,69	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Bahrein	0,69	Maioria não-cristã	Alta	Ásia
Uganda	0,65	Maioria cristã	Baixa	África
El Salvador	0,59	Maioria cristã	Média baixa	América Central
Nicarágua	0,58	Maioria cristã	Média baixa	América Central
Honduras	0,51	Maioria cristã	Média baixa	América Central
Tunísia	0,42	Maioria não-cristã	Média baixa	África
Indonésia	0,40	Maioria não-cristã	Média baixa	Ásia
Bolívia	0,38	Maioria cristã	Média baixa	América do Sul
Turquia	0,36	Maioria não-cristã	Média alta	Europa/Ásia
Nigéria	0,35	Maioria cristã	Média baixa	África
Índia	0,34	Maioria não-cristã	Média baixa	Ásia
Filipinas	0,34	Maioria cristã	Média baixa	Ásia
Jamaica	0,30	Maioria cristã	Média alta	América Central
Chile	0,29	Maioria cristã	Alta	América do Sul
Irlanda	0,29	Maioria cristã	Alta	Europa
Canadá	0,24	Maioria cristã	Alta	América do Norte
Trinidade e Tobago	0,24	Maioria cristã	Alta	América do Sul
Brasil	0,22	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Sri Lanka	0,19	Maioria não-cristã	Média baixa	Ásia
Estados Unidos	0,18	Maioria cristã	Alta	América do Norte
Malásia	0,17	Maioria não-cristã	Média alta	Ásia
Argentina	0,10	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Senegal	0,10	Maioria não-cristã	Baixa	África

Itália	0,09	Majoria cristã	Alta	Europa
Arábia Saudita	0,09	Majoria não-cristã	Alta	Ásia
Guatemala	0,08	Majoria cristã	Média baixa	América Central
Bélgica	0,07	Majoria cristã	Alta	Europa
Áustria	0,05	Majoria cristã	Alta	Europa
Marrocos	0,05	Majoria não-cristã	Média baixa	África
Japão	0,03	Majoria não-cristã	Alta	Ásia
Papua-Nova Guiné	0,01	Majoria cristã	Média baixa	Oceania
Gabão	0,00	Majoria cristã	Média alta	África
Nova Zelândia	0,00	Majoria cristã	Alta	Oceania
Costa Rica	0,00	Majoria cristã	Média alta	América Central
Panamá	0,00	Majoria cristã	Média alta	América Central
Dinamarca	0,00	Majoria cristã	Alta	Europa
Austrália	0,00	Majoria cristã	Alta	Oceania

FONTE: Dados de pesquisa, 2016

QUADRO 13: PRESENÇA RELIGIOSA X CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS (CORRELAÇÃO NEGATIVA)

País	Religião x Condições socioeconômicas	Classificação da população	Renda	Região
Camarões	-0,93	Majoria cristã	Média baixa	África
Noruega	-0,71	Majoria cristã	Alta	Europa
Colômbia	-0,60	Majoria cristã	Média alta	América do Sul
Paraguai	-0,58	Majoria cristã	Média alta	América do Sul
Suíça	-0,50	Majoria cristã	Alta	Europa
Islândia	-0,49	Majoria cristã	Alta	Europa
França	-0,47	Majoria cristã	Alta	Europa
Singapura	-0,46	Majoria não-cristã	Alta	Ásia
México	-0,44	Majoria cristã	Média alta	América do Norte
Espanha	-0,44	Majoria cristã	Alta	Europa
Brunei	-0,34	Majoria não-cristã	Alta	Ásia
África do Sul	-0,28	Majoria cristã	Média alta	África
Paquistão	-0,26	Majoria não-cristã	Média baixa	Ásia

Holanda	-0,26	Maioria cristã	Alta	Europa
Portugal	-0,24	Maioria cristã	Alta	Europa
Egito	-0,17	Maioria não-cristã	Média baixa	África/Ásia
Equador	-0,17	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Venezuela	-0,15	Maioria cristã	Média alta	América do Sul
Sudão	-0,09	Maioria não-cristã	Média baixa	África
Grécia	-0,04	Maioria cristã	Alta	Europa
Tailândia	-0,04	Maioria não-cristã	Média alta	Ásia
Jordânia	-0,03	Maioria não-cristã	Média alta	Ásia
Suécia	0,00	Maioria cristã	Alta	Europa
Togo	0,00	Maioria não-cristã	Baixa	África
Gana	0,00	Maioria não-cristã	Média alta	África
República Dominicana	0,00	Maioria cristã	Média alta	América Central
Finlândia	0,00	Maioria cristã	Alta	Europa
Uruguai	0,00	Maioria cristã	Alta	América do Sul

FONTE: Dados de pesquisa, 2016

O quadro de correlação positiva nos indica que nos países que se encontram nesse grupo, quanto maior a presença da religião, menor serão as condições socioeconômicas dos países. E nos países que se encaixaram no grupo de correlações negativas, quanto maior a presença da religião no Estado, maior serão as condições socioeconômicas do país.

Na primeiro quadro vemos que 44% (19 de 43) dos países que se encaixaram nesse grupo apresentam correlação entre a presença da religião e as condições socioeconômicas de fraca à muito forte. Dois desses apresentam renda baixa, inclusive o país com a correlação mais forte, e 63% desses 19 países possuem uma população de maioria cristã.

Enquanto na segundo quadro, apenas 39% dos países apresentam correlação de fraca à muito forte. Desses países que apresentam correlação entre a presença religiosa e as condições socioeconômicas, 81% apresentam população de maioria cristã e nenhum deles apresenta renda baixa.

3.5 Resultado das análises

Com o resultado dos dados dos países analisados, pudemos observar que de fato há algumas relações que não podem ser ignoradas, conforme sintetizado nos quadro a seguir:

QUADRO 15: PRIMEIRO QUADRO DE RELAÇÃO CRISTIANISMO X ECONOMIA

	Número de países que possuem correlação significativa (%)	Quantos com correlação significativa têm população de maioria cristã (%)
Relação do crescimento anual do PIB com a presença da religião	25%	66%
Relação do comércio internacional com a presença da religião	56%	61%
Relação das condições socioeconômicas com a presença da religião	42%	70%
Relação da estabilidade do governo com a presença da religião	50,7%	63%

FONTE: Dados de pesquisa, 2016.

Observa-se então, que nos 71 países analisados, 25% possuem relação entre o crescimento anual do PIB e a presença da religião, e desses 25% dos países, a maioria deles possuem uma população predominantemente cristã; 56% possuem relação entre o comércio internacional e a presença da religião, e a maioria desses países possuem população predominantemente cristã; 42% possuem relação entre as condições socioeconômicas e a presença da religião, e a maioria desses possuem

população de maioria cristã; e 50,7% possuem relação entre a estabilidade do governo e a presença da religião, tendo a maioria desses, também, população predominantemente cristã.

QUADRO 16: SEGUNDO QUADRO DE RELAÇÃO CRISTIANISMO X ECONOMIA

	Número de países (%)	Quantos destes apresentam correlação significativa (%)	Quantos com correlação significativa têm população de maioria cristã (%)
Quanto maior a presença da religião, menor o crescimento anual do PIB	66%	31%	73%
Quanto maior a presença da religião, menor o comércio internacional	62%	59%	60%
Quanto maior a presença da religião, menor as condições socioeconômicas	61%	44%	63%
Quanto maior a presença da religião, menor a estabilidade do governo	61%	60%	61%

FONTE: Dados de pesquisa, 2016.

Aqui, 66% dos países se encaixaram no grupo em que a presença da religião e o crescimento anual do PIB tem uma relação inversa, onde quanto mais um fator cresce, mais o outro diminui, tendo 31% desses países uma relação de intensidade significativa (podendo variar de fraca a muito forte); 62% dos países se encaixam no grupo em que a presença da religião e o comércio internacional também possuem uma relação inversa, com 59% desses países apresentando uma relação de

intensidade significativa; 61% se encaixam no grupo em que a presença da religião e as condições socioeconômicas possuem uma relação inversa, onde 44% desses possuem relação significativa; e 61% dos países se encaixam no grupo em que a presença da religião e a estabilidade do governo possuem relação inversa, com 60% desses países do grupo apresentando uma relação de significância estatística. Em todos os grupo, a maioria dos países possuem população majoritariamente cristã.

QUADRO 17: TERCEIRO QUADRO DE RELAÇÃO CRISTIANISMO X ECONOMIA

	Número de países (%)	Quantos destes apresentam correlação significativa (%)	Quantos com correlação significativa têm população de maioria cristã (%)
Quanto maior a presença da religião, maior o crescimento anual do PIB	34%	9%	33%
Quanto maior a presença da religião, maior o comércio internacional	38%	52%	61%
Quanto maior a presença da religião, maior as condições socioeconômicas	39%	39%	81%
Quanto maior a presença da religião, maior a estabilidade do governo	39%	35%	70%

FONTE: Dados de pesquisa, 2016.

No quadro, 34% dos 71 países se encaixam no grupo onde a relação entre a presença da religião e o crescimento anual do PIB é favorável, com apenas 9% desses países apresentando uma relação significativa; 38% se encaixam no grupo onde a relação entre a presença da religião e comércio internacional é favorável, com 52%

desses possuindo intensidade de relação significativa; 39% se encaixam no grupo onde a relação entre a presença da religião e as condições socioeconômicas é favorável, tendo 39% desses apresentado relação significativa; e 39% se encaixam no grupo onde a relação entre a presença da religião e a estabilidade do governo é favorável, com 35% desses apresentando correlação significativa. Em quase todos os grupo, a maioria dos países possuem população majoritariamente cristã, exceto na relação presença da religião x crescimento anual do PIB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da economia das Relações Internacionais é imprescindível, considerando sua importância para a manutenção dos Estados soberanos e para o equilíbrio do sistema internacional. Mas aqui também fica claro que o estudo da religião nas Relações Internacionais é igualmente indispensável, considerando que as crenças influenciam no modo de vida das pessoas, influenciando as sociedades de modo a repercutir em suas culturas e costumes, e até em suas formas de governos e economias. Nesse aspecto, o tema precisa ocupar mais espaço na academia.

O papel do Cristianismo no Ocidente –e até no mundo- é obviamente forte, considerando que essa é uma das maiores religiões do mundo e, sendo assim, possui papel de influência em várias e diferentes áreas do globo. Essa religião está presente na sociedade ocidental de forma impetuosa desde que ganhou poder político e econômico na Idade Média.

É importante lembrar também que o Cristianismo, em sua forma católica, é a única religião que possui um ator entre Estados no direito internacional, a Santa Sé. O estudo da religião Cristã para a compreensão das sociedades e da cultura ocidental é indispensável e também precisa ser um tema relevante nas Relações Internacionais e na academia, o que vem sendo cada vez mais observado desde *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.

Dentre os autores que tratam da religião como objeto de estudo, esses se dividem em opiniões. Numa ordem cronológica: John Stuart Mill acreditava que a igreja, apesar de incentivar a indiferença para a infelicidade humana, possuía sim influência na cultura; Karl Marx não sabia se a opinião pública que influenciava a igreja, ou se a igreja que influenciava na opinião pública; Engels enxergava que o problema do Cristianismo era que este incitava os oprimidos a não se rebelarem; Troeltsch afirmava que o Cristianismo jamais se separaria do mundo e acreditava na relação de influência entre a economia e a religião; Weber não só acreditava na relação de influência entre a economia e a religião como afirmava piamente que o Protestantismo incentiva de forma positiva no capitalismo muito mais do que o Catolicismo; Sombart duvidava de Weber, acreditando que o Judaísmo possuía poder de influência muito maior do que o Cristianismo; Fanfani acreditava que o Cristianismo possuía grande importância

para o desenvolvimento econômico, mas o Catolicismo na verdade atrapalhava o sistema capitalista; Robertson discordava de Fanfani e não acreditava que o Catolicismo fosse um atraso para o capitalismo; e Samuelson acreditava que, na verdade, era quase inexistente a relação entre religião e economia.

Dentre os autores mais atuais, Michel Falise afirma que o Cristianismo pode sim influenciar o capitalismo; Daniel Fوسفeld acreditava que o Cristianismo em sua forma católica atrasava o desenvolvimento econômico; e Rachel McCleary afirma que as 4 maiores religiões do mundo possuem influência na economia, mas o Cristianismo e o Islamismo influenciam mais.

Em suma, as opiniões ficaram divididas das seguintes formas:

QUADRO 14: OPINIÃO DE CADA AUTOR

Religião influencia na economia	Cristianismo influencia na economia	Catolicismo influencia de forma negativa/ o protestantismo de forma positiva na economia
Troeltsch Weber Fanfani Sombart Robertson Falise Fوسفeld McCleary	Troeltsch Weber Fanfani Robertson Falise	Weber Fanfani Fوسفeld
Catolicismo não influencia de forma negativa a economia	Outra(s) religião(ões) influenciam a economia mais	Não há muita relação entre religião e economia
Robertson	Sombart	Samuelson

FONTE: Dados de pesquisa, 2016.

Conclui-se, então, que nos países que possuem correlação significativa direta (ou positiva) entre a presença da religião e as categorias de crescimento anual do PIB, comércio internacional, condições socioeconômicas e estabilidade do governo, a maioria apresenta uma população com predominância da religião cristã. Nos países que apresentam relação significativa inversa entre a presença da religião e as outras quatro categorias, a maioria apresenta população, mais uma vez, predominantemente cristã. Enquanto que nos países que apresentam relação significativamente favorável

entre a presença da religião e as outras categorias, particularmente na interação presença religiosa x crescimento anual do PIB, essa foi a única em que a maioria dos países não apresentam população de maioria cristã, o que numa regra poderia ser considerado uma exceção.

Em outras palavras, a maioria dos países analisados apresentam relação significativa entre religião e fatores econômicos, tendo a maioria desses países população predominantemente cristã. Foi observado, também, que a maioria dos países analisados se encaixaram mais nos quadros em que a relação entre religião e fatores econômicos são desfavoráveis, do que nos quadros em que essa relação é favorável.

Por fim, a análise desses dados abre portas para aprofundar a pesquisa de modo a entender melhor essas relações, podendo também ser levado a uma pesquisa mais específica, como a mensuração da relação dos diferentes tipos de Cristianismo – Catolicismo, Protestantismo, etc.- com a economia dos Estados, de forma a observar com mais proximidade, por exemplo, a teoria de Weber.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sylvana Maria Brandão de et al. **Marx e a religião**: a construção do conhecimento histórico. In: COLÓQUIO DE HISTÓRIA- BRASIL: 120 ANOS DE REPÚBLICA, 3., 2009, Recife: Unicap, 2009. p. 106 - 112. Disponível em: <<http://www.unicap.br/coloiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/3Col-p.106-112.pdf>>. Acesso em: 08/09/2016.

BACKHOUSE, Roger. **The penguin history of economics**. Penguin Books Ltd, Reuni Unido, 2002.

CAVES, Richard E.; FRANKEL, Jeffrey A.; JONES, Ronald W.. **Economia Internacional**: Comércio e transações globais. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

CORREIA, Ronaldo Zandoná. **REFLEXÕES SOBRE ECONOMIA E RELIGIÃO: SEUS PRINCIPAIS PENSADORES E A IGREJA CATÓLICA BRASILEIRA**. 2003. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Economia Aplicada, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. **Métodos quantitativos e qualitativos**: um resgate teórico. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008.

DELFINO, Silas do Carmo. **O ESTUDO DA RELIGIÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**. 2010. 34 f. Monografia - Curso de Relações Internacionais, Centro Universitário de Belo Horizonte Uni-bh, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<https://unibhri.files.wordpress.com/2010/12/silas-delfino-o-estudo-da-religiao-nas-relacoes-internacionais.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2016.

FIGUEIREDO FILHO, Dalson Britto; SILVA JÚNIOR, José Alexandre da. Desvendando os Mistérios do Coeficiente de Correlação de Pearson. **Revista Política Hoje**, Recife, v. 18, n. 1, p.115-146, dez. 2009.

FOX, Jonathan; SANDLER, Shmuel. **Bringing religion into international relations**. New York: Palgrave MacMillan, 2004. 212 p.

CHRISTOPHER MACLEOD. **John stuart mill**. , 2016. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/mill/>>. Acesso em: 08/10/2016.

JAPIASSO, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. São Paulo: Zahar, 1993.

KEOHANE, Robert O. **The Globalization of Informal Violence, Theories of World Politics, and the “Liberalism of Fear”**. International Organization, [s.l.], p. 29-43. spring 2002. KOBER, Stanley. The American experiment. Cato Journal, [s.l.], v. 17, n. 2. inv. 1997.

KRUGMAN, Paul R.; OBSTFELD, Maurice. **Economia Internacional: Teoria e política**. 6. ed. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2005.

LAZZARO, J. G. S. **Religião e economia: o que dizem os economistas desde weber**. Terraço Econômico, 2014. Disponível em: <<http://terracoeconomico.com.br/religiao-e-economia-o-que-dizem-os-economistas-desde-weber/>> Acesso em: 31/03/2016.

MAGNOLI, D. (org). **História da Paz**. São Paulo, Editora Contexto, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Tradução de: Luiz Claudio de Castro e Costa.

MARX, Karl. **O CAPITAL: CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (1). Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_fontes/acer_marx/ocapital-1.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2016.

MATA, Sérgio. **Religião e modernidade em Ernst Troeltsch**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 2. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n2/12.pdf>>. Acesso em: 30/03/2016.

MATEO, Luiza Rodrigues. **Trazendo a Religião para as Relações Internacionais**. In: Deus abençoe a América: religião, política e relações internacionais dos Estados Unidos. Dissertação de Mestrado. Programa San Tiago Dantas de Pós-Graduação em Relações Internacionais, UNESP/UNICAMP/PUC-SP: São Paulo, 2011, pp. 14-41. Disponível em: <http://www.santiagodantassp.locaweb.com.br/br/arquivos/defesas/Luiza_Mateo.pdf>. Acesso em: 26/08/2016.

MAXIMIANO, Sandra. **A influência da religião na economia**. Jornal Expresso, 2015. Disponível em:

<http://expresso.sapo.pt/blogues/bloguet_economia/blogue_econ_aurora_teixeira/2015-05-15-A-influencia-da-religiao-na-economia> Acesso em: 31/03/2016.

MOSCATELI, Renato. A HISTÓRIA DAS RELIGIÕES NA VISÃO DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 4., 2009, Maringá. **Anais...**. Maringá: Uem, 2009. p. 2435 - 2443. Disponível em: <http://www.academia.edu/1648432/A_HISTÓRIA_DAS_RELIGIÕES_NA_VISÃO_DE_JEAN-JACQUES_ROUSSEAU>. Acesso em: 08 out. 2016.

NERI, M. C. **Religião e economia**. Instituto Humanitas Unisinos, 2007. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-anteriores/7413-religiao-e-economia-artigo-de-marcelo-cortes-neri%20>> Acesso em: 31/03/2016.

NOGUEIRA, J. P.; NIZAR, M. **Teoria das Relações Internacionais**. Rio de Janeiro, Elsevier, 2005.

RUSHDOONY, Rousas J.. **Cristianismo e Capitalismo**. Brasília: Monergismo, 2008. Disponível em: <<http://www.monergismo.com/textos/politica/Cristianismo-Capitalismo-Rush-livreto.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2016.

SAY, Jean Baptiste. **A TREATISE ON POLITICAL ECONOMY**. New York: Reprints Of Economic Classics, 1971. Disponível em: <https://mises.org/sites/default/files/A_Treatise_on_Political_Economy_5.pdf>. Acesso em: 14 out. 2016.

SENHORAS, Elói Martins. **O Papel do Cristianismo na Construção das Relações Internacionais**. Mundorama, 2013. Disponível em: <<http://www.mundorama.net/2013/07/30/o-papel-do-cristianismo-na-construcao-das-relacoes-internacionais-por-eloi-martins-senhoras/>> Acesso em: 31/03/2016.

SMITH, Adam. **An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations**. 1776. Disponível em: <http://www.ifaarchive.com/pdf/smith_-_an_inquiry_into_the_nature_and_causes_of_the_wealth_of_nations%5B1%5D.pdf>. Acesso em: 37/03/2016.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1967